

---

**UM EXERCÍCIO ENTRE HISTÓRIA E  
IMAGEM: A SECA E AS FRENTES DE  
EMERGÊNCIA EM MONTE HOREBE-PB  
NA DÉCADA DE 1970<sup>1</sup>**

**Roberto Ramon Queiroz de Assis**

Graduando em licenciatura plena em História na Universidade Federal de Campina Grande no Centro Formador de Professores (UFCG-CFP). Contato: [roberto.ramon9@gmail.com](mailto:roberto.ramon9@gmail.com).

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto das pesquisas para o trabalho de conclusão de curso intitulado: “UMA QUESTÃO DO SENTIR: Memórias e sensibilidades das vivências cotidianas da seca, em face às experiências dos Horebenses, final do século XX e início do XXI”.

**UM EXERCÍCIO ENTRE HISTÓRIA E IMAGEM: A SECA E AS FRENTES DE EMERGÊNCIA EM MONTE HOREBE-PB NA DÉCADA DE 1970****AN EXERCISE BETWEEN HISTORY AND IMAGE: DROUGHT AND EMERGENCY FRONT IN MONTE HOREBE-PB, IN THE 1970S****Roberto Ramon Queiroz de Assis****RESUMO**

O presente trabalho busca problematizar a seca e a política pública assistencial *frentes de emergência*, criada para minimizar o enfrentamento das secas. O ponto de partida desta pesquisa é a análise de imagens produzidas em frentes de trabalho emergencial, da década de 1970, na cidade Monte Horebe-Paraíba. Para o embasamento teórico metodológico deste texto, no que se refere à imagem considera-se as ideias de Dubois (1993) e Mauad (2005). Busca-se utilizar de obras que versam sobre as secas e as frentes de emergência, em suas dimensões sociais e políticas, entre elas: Ferreira (1993), Neves (2011), Castro (2011) e Silva Brito (2017). Por fim, compreende-se que as vivências de secas possui uma estreita relação com as condições socioeconômicas da região em que ocorreram e, portanto, variante a cada localidade. As imagens como fontes historiográficas nos proporcionam distanciamentos e proximidades do real, que por vez, nos possibilitam criar problemáticas acerca do ato fotográfico em si, como também do fato/evento a qual o ato fotográfico esta inserido, levando em consideração que a imagem representa um vínculo com um momento histórico inserido em contexto social e cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Monte Horebe. Seca. Política Pública. Frentes de Emergência.

**ABSTRACT**

The present work aims to problematizing the drought and public policy fronts of emergency, created to minimise the effects of droughts. The starting point of this research is the analysis of images produced on emergency work fronts, in the 1970s, in the city of Monte Horeb-Paraíba. For the methodological theoretical Foundation of this text, as far as the image is concerned, the ideas of Dubois (1993) and Mauad (2005) are considered. He sought to use works that talk about droughts and emergency fronts, in its social and political dimensions, we highlight: Ferreira (1993), Neves (2011), Castro (2011) and Silva Brito (2017). Finally, it is understood that the experiences of droughts have a close relationship with the socioeconomic conditions of the region in which they occurred and therefore variant of each site. The images as historiographical source provide us distances and proximity of the reality, which sometimes allows us to create problems on the photographic Act itself, as well as the fact/event that the Photographic Act is inserted, taking into consideration that the image represents A link with a historical moment inserted in a social and cultural context.

**KEY WORDS:**

Monte Horebe. Drought. Public policy. Emergency Fronts.

**INTRODUÇÃO**

Este estudo surge a partir de um desejo pessoal de mostrar a realidade a partir das experiências de quem a vive. Para tanto, considera-se as ideias de Durval Muniz (1999) que nos mostra o Nordeste não apenas como um espaço material, mas também como uma construção das mentalidades, o que nos permite produzir trabalhos que possam transcender as problemáticas materiais e políticas que permeiam o Nordeste, e construir pesquisas a partir do conhecimento e subjetividade dos indivíduos em face as suas experiências (ALBUQUERQUE, 1999).

Neste contexto, principalmente na mídia e meio acadêmico pouco se fala sobre as vivências e percepções de quem compõe esta região. Deixando um espaço vago a das experiências individuais e coletivas. A reflexão aqui apresentada parte da crítica à construção de uma literatura que é feita de fora para dentro, que não sentem ou vivem esta realidade, mais mesmo assim a cria. A dimensão subjetiva emerge, neste sentido, como uma forma de traduzir o mundo material em representações, práticas, sentimentos e signos. Seria então, proporcionar um olhar de "dentro" ao invés de posicionamentos tradicionais que se centram excessivamente no ponto de vista de "fora", de como os outros os veem.

Para a construção deste conhecimento busquei a partir de imagens, oralidade e do saber popular dos cidadãos Horebenses, que tipicamente estão emersos em um contexto rural, tecer este artigo expressando suas vivências. Entrecruzei memória, fotográfica e a oralidade para tecer a pesquisa. Este artigo está dividido em três tópicos:

“**UM RETRATO DA SECA: MONTE HOREBE-PARAÍBA**” busquei apresentar o recorte espacial e temporal, fazendo uso da historiografia local (OLIVEIRA, 2018) e da imagem, contextualizando a cidade de Monte Horebe, as secas e as frentes de emergência na década de 1970.

No tópico “**DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA A SECA (DNOCS) E AS FRENTES DE TRABALHO EMERGENCIAL**”, a partir dos Registros de Comunicação do DNOCS busquei contextualizar as frentes de emergência enquanto uma ação do âmbito deste órgão federal apresentando suas linhas de ação, objetivos e características. Amparado na literatura científica, (CASTRO, 2011; SILVA BRITO 2017), busquei problematizando esta política pública apresentando o conflituoso cotidiano de trabalhos nas emergências.

Feita estas considerações, em *“IMAGENS QUE FALAM’: UM TRAÇO DO REAL OU TRANSFORMAÇÃO DO REAL?”* apresento as fotografias enquanto fontes passíveis de historicidade e que nos podem trazer contribuições à pesquisa histórica (MAUDE, 2005) a partir do exercício da operação historiográfica de problematizar a fotografia como um indício e testemunho do passado que figura a realidade (KOSSOY, 2001) e, levando em consideração o ato fotográfico como uma ação moldada pelo fotógrafo (DUBOIS, 1993). Apresentai o acervo fotográfico enquanto um espaço de memória que representa um lugar social para a família (SCHAPOCHNIK, 1998).

### **UM RETRATO DA SECA: MONTE HOREBE-PARAÍBA**

A cidade de Monte Horebe está localizada no alto sertão paraibano, uma população estimada em 4.793 pessoas, possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) próximo à zero, com um capital provindo basicamente da agricultura como produção de milho, feijão, banana, mandioca, juntamente com o algodão durante o recorte temporal supracitado era as atividades agrícolas de maior potencial. (IBGE, 2010).

Com base nos pensamentos de Mauad (2005), em seguida apresentará uma imagem que retrata o trabalho nas emergências, na década de 1970 na cidade Monte Horebe.

Nunca ficamos passivos diante de uma fotografia: ela incita nossa imaginação, nos faz pensar sobre o passado, a partir do dado de materialidade que persiste na imagem. Um indício, um fantasma, talvez uma ilusão que, em certo momento da História, deixou sua marca registrada, numa superfície sensível, da mesma forma que as marcas do sol no corpo bronzeado, como lembrou Duboi (MAUAD, 2005, p,15)



IMAGEM 01: Frente de trabalho emergencial na cidade de Monte Horebe-Pb década de 1970. Autor desconhecido. Foto cedida pelo acervo familiar do Sr. Rosendo Pereira de Assis, localizado na rua Juscelino Kubistchek, Centro Monte Horebe-PB.

Podemos observar na imagem a cima um registro fotográfico da Década de 1970, na cidade de Monte Horebe - Paraíba. Uma cena fatídica em que Trabalhadores aparecem reunidos na “boboca<sup>2</sup>”. Estes estão localizados, especificamente, no sítio cacaus que faz parte do município de Monte Horebe, no momento da fotografia trabalhavam na frente de emergência para a construção da PB-400, no trecho que liga São José de Piranhas a Monte Horebe.

É importante dizer que este foi um período marcado por fortes enfrentamentos contra a seca, bem como abusos do trabalho braçal. Homens, mulheres e crianças à espera de chuva e das ações governamentais.

A memória desta sociedade, quando buscada, esta embebida das experiências que os períodos de menores índices pluviométricos os proporcionaram<sup>3</sup>. Entre a década de 1970 e 1980 a oralidade expressa: “foram anos de difícil convívio com a seca”:

Na década de 1970 para 1980 eu era ainda juvenzinha, uma mocinha nova, mais eu lembro muito bem as dificuldades com a seca, com a falta de chuva. (Entrevista realizada com Maria de Fátima Nascimento Queiroz em: 05-10-2017, Monte Horebe-PB).

As dificuldades eram sentidas e vividas cotidianamente, em maior ou menor escala, mas todos sentiam como expressados pela depoente, apesar de ser jovem, as dificuldades com a seca deixou marcas em sua memória, e ainda acrescenta as dificuldades de alguns pais de família para conseguir o alimento familiar; alguns ficam condoídos coma a situação demonstrando uma sensibilidade com os seus semelhantes, um sentimento de solidariedade e ajuda:

Eu vou trabalhar a fulano para eu ganhar um litro de feijão, Para minha família comer um quilo de farinha. Não era quilo não, era litro se chamava assim aquele tempo era um litro de farinha. Muitos não tinham, a gente tinha consciência, A gente tinha pena sabe... Lá em casa, mesmo na seca, na casa de papai, na casa do meu avô, na casa dos meus tios, tinha. Com a seca, mas a gente tem o que comer, tinha gado para tirar o leite. Tinha os monte de goma de farinha, era uma das pessoas que ajudava a quem não tinha. Aí é por isso que a gente não sofria tanto com a seca, mas a gente tinha vizinho que a gente via passar fome, chegar a hora de jantar não ter o que comer, de chegar na casa da gente e a gente pegar o resto e mandar ali deixar na

<sup>2</sup> Boboca, nome que os trabalhadores davam aos campos de trabalho.

<sup>3</sup> Entendemos por memórias, neste contexto, enquanto um elemento essencialmente coletivo, que apesar da oralidade evocar memórias individuais, estas se inserem em um corpo coletivo quando levamos em consideração que outras pessoas também tiveram experiências com as secas. A memória individual seria a percepção particular do fato rememorado a partir da experiência de cada sujeito com as secas (HALBWACHS, 1990).

casa de fulano que não tem nada, entendeu. Era assim é por isso que a gente mesmo sentia na pele Por que a gente era pobre mas era pobre esse que tinha que alguma coisa, diferente de muitos que não tinha nada que trabalhava de manhã para comer de noite Para comprar alguma coisa para levar para casa para janta e chegar em casa e não ter nada para comer só água, entendeu Por isso que era a gente tinha consciência a gente tinha pena Ah meu Deus do céu ali na casa de fulano botando quanto caroço de feijão no fogo para fazer um cuscuz enorme para fazer aquela farofa com aqueles quatro caroço de feijão para comer (Entrevista realizada com Maria de Fátima Nascimento Queiroz em: 05-10-2017, Monte Horebe-PB).

Neste contexto, os Horebenses comportaram-se de diversas maneiras frente ao problema da fome e da seca. O governo em certo momento mostrou-se presente, como exemplo disso pode-se mencionar as políticas públicas assistenciais criadas nos períodos mais severos da seca. Uma dessas políticas são as frentes de emergência, já mencionadas no decorrer deste trabalho, um programa do governo federal, que consistia na liberação de verbas para que massas populares pudessem trabalhar em obras públicas, como na construção de açudes e estradas, o que garantia a redução da seca, bem como uma renda que poderia amenizar o quadro de fome vivenciado pelo município.

Cabe salientar que, nessas frentes de emergência era bastante comum o trabalho de crianças e mulheres, inclusive gestantes. Os abusos nesses campos de trabalho eram constantes, não eram oferecidas as mínimas condições para exercer as atividades, que eram braçais; um trabalho contínuo, sem feriados, onde eram dedicados seis dias para o trabalho nas emergências e um dia para o cuidado com suas roças. Os desvios das verbas eram constantes, enquanto uns trabalhavam outros apenas recebiam; existiam pais que forjavam idade dos filhos para receber alimentação e alguns para coloca-los no trabalho.

Devido às dificuldades enfrentadas, os indivíduos sentiam-se obrigados a sujeitar-se a este trabalho. As emergências surgiam como uma possibilidade de adquirir uma renda extra, já que as lavouras dependiam diretamente das chuvas, que por não serem constantes as tornavam frágeis.

Segundo a historiografia local, conforme exposto por Oliveira (2018, p.51), uma das fontes de renda que reafirma a ruralidade da economia local, era o processamento da mandioca que movimentava o comércio local:

Outra fonte de renda e subsistência no município era as farinhadas, ocorridas nas casas de farinha construídas nos sítios. A mandioca era lavada, raspada, processada em um motor, onde a massa era separada da goma através de uma rede, a decantação em um tanque separava a goma da manipoeira. Além da goma, se extraía a farinha após torr-la em um forno grande de cimento. Para esse serviço eram contratadas pessoas da vizinhança, parentes ou cumpadres (OLIVEIRA, 2018, p.51).

Recém-emancipada, a cidade de Monte Horebe na a década que materializo neste estudo, nos mostra que o seu desenvolvimento urbano inicia-se, porém integra-se facilmente ao rural.

Apenas a partir dos anos 70 ela efetivamente passa a ter um desenvolvimento mais acentuado com feiras mais expressivas e um maior fluxo de pessoas transitando em suas vias públicas, assim como escolas de ensino primário no início do seu funcionamento tanto no perímetro urbano quanto na zona rural, objetivando impulsionar o sonho de liberdade, progresso, civilização e modernização postos por seus habitantes (OLIVEIRA, 2018, p.43).

Como podemos notar, a seca é um fenômeno natural que acaba interferindo nas questões sociais, não de maneira geral, mas particular a cada localidade. Portanto, as vivências de seca estão, intimamente, ligadas à economia local. Certamente, aquelas cidades que possuem uma renda baseada na agricultura terão maiores dificuldades de sobrevivência. Um ano sem inverno, para esse povo, simboliza um ano de penúria. Assim, entre chuvas e estiagem, a seca molda a vivência do sertanejo nesta região semiárida da Paraíba.

### **O DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA A SECA (DNOCS) E AS FRENTES DE TRABALHO EMERGENCIAL**

Inicialmente chamado de Inspeção de Obras Contra a Seca (IOCS) por meio do decreto nº 7.619 de 21 de outubro de 1909, foi criado na gestão presidencial de Nilo Peçanha. Antes de sua atual denominação em 1919, por meio do decreto nº 13.687, foi chamado, ainda, de Inspeção Federal de Obras Contra a Seca (IFOCS), em 1945 através do decreto-lei 8.846 de 28 de dezembro de 1945, foi transformado em autarquia federal através da lei nº 4229, do ano de 1963, carregando sua atual denominação (DNOCS, 2017).

Firmou-se como o primeiro órgão que se deteve a estudar e solucionar os problemas da região Nordeste, agindo não somente contra a seca, suas ações objetivam, em seu arcabouço legal, promover ações nas seguintes linhas:

A- beneficiamento de áreas e obras de proteção contra as secas e inundações; B- irrigação; C- radicação de população em comunidades de irrigantes ou em áreas especiais, abrangidas por seus projetos; D- subsidiariamente, outros assuntos que lhe sejam cometidos pelo Governo Federal, nos campos do saneamento básico, assistência às populações atingidas por calamidades públicas e cooperação com os Municípios (DNOCS, DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2017).

Vemos que as ações do DNOCS não se limitaram apenas a atividades relacionadas à seca, na sua política de atuação buscou, também, promover qualidade de vida para as regiões afetadas por alguma catástrofe natural.

Dentro de suas ações, buscou reduzir os danos causados pela seca e firmou-se, também, como uma agência que promoveu o desenvolvimento da região. Como exposto pelo DNOCS, se propôs a atividades relacionadas a:

Construiu açudes, estradas, pontes, portos, ferrovias, hospitais e campos de pouso, implantou redes de energia elétrica e telegráficas, usinas hidrelétricas e foi, até a criação da SUDENE, o responsável único pelo socorro às populações flageladas pelas cíclicas secas que assolam a região (DNOCS, DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2017).

As frentes produtivas de trabalho surgem no âmbito de ações do DNOCS. As atividades direcionadas para o alto sertão paraibano estavam ligadas a obras que promovia o desenvolvimento regional, como mostra a Imagem 01, a construção da rodovia estadual PB 400, no trecho que liga São José de Piranhas a Monte Horebe, foi feita pelos emergentes<sup>4</sup> da cidade de Monte Horebe.

O trabalho dos emergentes foi problematizado por Lara (2011) nos mostrando o lugar dos campenses nas emergências como sujeitos ativos nas obras do DNOCS na Bahia e no Ceará de 1945 a 1962. Os atores sociais das frentes de emergência nunca foram passivos diante dos problemas, torna-los sujeitos conformados com sua condição é antes de tudo retirar seu protagonismo de lutar por seus direitos, ou negar sua inconformidade, mesmo que fosse de forma contida. Salientando que:

As ligas camponesas alertavam para a possibilidade de uma massa de sertanejos que podia se rebelar caso seus desejos não fossem assistidos... Tudo isso gerava o medo de revoltas, das avalanches de sujeitos que cobravam a assistência ao Estado. Era necessário esvaziar as pressões no campo e conter as lutas que podiam acontecer (LARA, 2011, p.3).

Esta realidade era compartilhada e vivenciada em vários espaços por retirantes-operários e seu parente nas frentes de serviço, que por muitas vezes, passavam por fome, trabalha mal pago e doenças, reafirmando que o trabalho nestas frentes de emergências não era fácil (LARA, 2011, p.1).

O assistencialismo precário que pairava nas soluções propostas pelo governo, que se limitava, em sua grande maioria, a “eventuais campanhas de assistência (precária) aos flagelados, criação de frentes de emergência para a construção de açudes (que acabam secando) e abertura de estradas nem sempre necessárias” (GARCIA, 2017, p. 69), foi considerado por diversos autores, como é o caso de Lucia Guerra que escreveu em 1993 a obra “Raízes da indústria da seca o caso da Paraíba”. Nesta obra, a autora em questão, trata da

<sup>4</sup> Denomino emergentes aqueles que participaram do programa e trabalharam nas obras desta política pública.

problemática da seca, das políticas assistencialistas, bem como da influência das oligarquias paraibanas.

Neves (2001) considera a mesma perspectiva de Ferreira (1993), que observa este fenômeno pelo impacto social, como as mobilidades sociais causadas pelas estiagens e os meios utilizados para conter essas migrações na era Vargas. Observemos a fala de NEVES (2001, p. 108-109).

Mais do que uma irregularidade pluviométrica, a seca pôde ser percebida, a partir de então, como um fenômeno social inserido nas redes de relacionamentos políticos e socioeconômicos, em que as condições de pobreza de uma parcela significativa da população que habita o semi-árido são gravemente acentuadas em momentos de crise.

Neste sentido o autor apresenta que as resposta do governo para tal problema possibilitou a compreensão da seca com uma estreita relação entre política e sociedade.

### **“IMAGENS QUE FALAM”: UM TRAÇO DO REAL OU TRANSFORMAÇÃO DO REAL?**

Dentro dos limites e possibilidades da fotografia enquanto fonte historiográfica, podemos considera-la como um objeto que carrega materialidade e vestígios do passado, que através do exercício historiográfico, podem ser trabalhados observando questões voltadas para a fotografia como um “fragmento selecionado do real”.

Kassoy (2001), nos mostra a fotografia enquanto um ato que figura a realidade e que está inserido em um contexto social e cultural. Evidenciando que a fotografia possui um vínculo com o momento histórico, onde “o ato do registro, ou o processo que deu origem a uma representação fotográfica, tem seu desenrolar em um momento histórico específico caracterizado por um determinado contexto econômico, social, político, religioso, estético etc.” (KOSSOY, 2001, p. 39).

Por tanto, a fotografia traz consigo, aspectos do período em que foi feita, podendo revelar características como economia, o contexto sociopolítico e econômico, estéticos e sociais, nos ajudando a contextualizar nossas pesquisas e o próprio ato fotográfico, enquanto produção de um dado período.

A imagem também poderá ser utilizada como um elemento que possibilita a rememoração (recordação) do passado. Assim, são diversas as abordagens sobre a imagem como nos mostram Cardoso & Maude (1997, p. 407).

Materialização da experiência vivida, doce lembrança do passado, memórias de uma trajetória de vida, flagrantes sensacionais, ou ainda, mensagens codificadas em signos. Tudo isso, ou nada disso, a fotografia pode ser (CARDOSO; MAUAD, 1997, p.407).

Neste sentido, buscamos fazer uma reflexão acerca da imagem e do real, uma vez que a imagem é a representação do outro em dada época ou evento social. Assim, é importante problematizá-la fazendo um levantamento entre esta e a História, observando os distanciamentos e proximidades. Desta maneira, cabe dizer que a fotografia enquanto fonte histórica nos possibilita imensas abordagens como sustenta Mauad (2005).

A fotografia não é apenas documento, mas também, monumento e, como toda a fonte histórica, deve passar pelos trâmites das críticas externa e interna para depois ser organizada em séries fotográficas, obedecendo a certa cronologia. Tais séries devem ser extensas, capazes de dar conta de um universo significativo de imagens, e homogêneas, posto que numa mesma série fotográfica há de se observar um critério de seleção, evitando-se misturar diferentes tipos de fotografia (MAUAD, 2005, p. 144).

Portanto, a partir do exercício da operação historiográfica, as possibilidades de análise da imagem podem surgir a partir do momento em que o historiador a concebe enquanto uma fonte possível de questionamentos. Uma delas é pensar e problematizar o seu contexto de produção e o que pretende expressar ou retratar e tela como uma forma de direcionar-se ao real (CANCLINI, 1987)

Segundo Dubois (1993, p. 15), concorda com Canclini (1987) ao afirmar que:

Com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser. A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), e também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode conceber fora de suas circunstâncias [...] (Dubois, 1993, p.15).

Neste sentido, pode-se afirmar a proximidade entre as concepções dos autores, visto que ambos entendem a imagem não apenas como produto de técnica, mas como um objeto social inserido em ambiente e momento histórico específico.

Uma fotografia não deve ser compreendida fora do seu contexto de produção, o ato fotográfico tão subjetivo quanto à própria imagem materializada em um papel, onde ator invisível molda a cena, adentra sorrisos, gestos e corpos fazendo o ato acontecer.

Esses e outros fatores segundo Kossoy (2001, p. 42) são relativos ao fotógrafo enquanto sujeito que faz seleção de aspectos do real “com seu respectivo tratamento estético”. Portanto, uma fotografia não pode ser entendida apenas como a materialização do real tal qual foi. Assim, entendemos fotografia como um “fragmento selecionado do real, a partir do

instante em que foi registrado, permanecerá para sempre interrompido e isolado na bidimensão da superfície sensível” (KOSSOY, 2001, p. 44).

Tecida essas considerações iremos analisar os elementos que compõem as imagens e seus sujeitos, que são homens com trajes simples, mas que esbanjam masculinidade, suas peixeiras na cintura reafirmam sua posição de “cabra macho”, entre eles observemos crianças, uma magra com chapéu de couro e roupas curtas (IMAGEM 02). Os corpos e rostos “expressam e calam emoções”, o ato de posar para foto, os obriga a se desfazerem de sua realidade, por alguns instantes demonstrar outra (COURTINE; HAROCHE, 1988).



IMAGEM 02: Frente de Emergência em área rural entre Cajazeiras e São José de Piranhas. A fotografia está situada entre as décadas de 60 e 70 do século XX. Autor desconhecido. Foto cedida pelo acervo familiar do Sr. Rosendo Pereira de Assis, localizado na Rua Juscelino Kubistchek, Centro Monte Horebe-PB.

Os sujeitos envolvidos neste ato fotográfico são os que nela aparecem, trabalhadores das emergências. Facilmente nos atentaríamos a estes aspectos citados, no entanto, é preciso ir mais fundo para entender o contexto, pois esta imagem retrata uma época, uma sociedade e a materialidade de um contexto social e histórico.

O acervo fotográfico que estas imagens compõem (IMAGEM 01 e 02, expostas anteriormente) foi cedido do arquivo privado familiar do Sr. Rosendo Pereira, localizado na cidade de Monte Horebe-PB. Sua família foi uma das assistidas pelo programa nas décadas de 60 e 70 do século XX. As imagens, como relatado, foram feitas nos campos de trabalho, em momentos de descontração entre os trabalhadores e registradas como uma forma possível de rememorar o passado, e uma maneira de guardar para si e recordar-se da experiência. Neste

sentido, analisando o conjunto da imagem/acervo, vemos que estes homens não representam a si próprios em sua singularidade, pois por trás deles está implícita sua família e dependentes.

A imagem emergiu neste sentido como um fio que nos conduz ao passado, este testemunho, que nos prova que as emergências ocorreram e foi uma realidade vivenciada por uma parcela da sociedade. Assim vemos o álbum de fotografia como “lugares da memória familiar”, que carregam sensibilidades, ao mesmo tempo esse espaço de memória representa um lugar social para determinada família, principalmente para o indivíduo que é guardião deste acervo familiar (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 460).

O ato fotográfico teve como espaço um campo de trabalho das frentes de emergência, na década de 1960-70, no sítio Terra Molhada entre Cajazeiras e São José de Piranhas na Paraíba, os sertanejos nele representados eram trabalhadores das emergências. A criança pertencia ao município de Monte Horebe, o seu pai a levava para ajudar nos trabalhos, percorriam uma distância de aproximadamente 44 km no que hoje é a PB 400. Possivelmente, foi registrada em um momento de descanso, com seus corpos exaustos ou afadigados do trabalho, a fotografia foi feita por um dos colegas de trabalho, a pedido do pai da criança.

Os rastros deixados por essas duas imagens possibilitam traçar uma compreensão das frentes de emergência e do quanto às imagens são testemunhas do passado. Para tal conclusão, consideremos as seguintes palavras: “O cruzamento entre a imagem fotográfica e a História se dá a partir do estatuto técnico das fotografias e seus sentidos de autenticidade e prova que as transformam em testemunhas oculares de fatos” (MAUAD; LOPES, 2011, p. 263) a tornando uma fonte possível de historicidade.

## CONCLUSÃO

O movimento dos *Annales* (1929) promoveu uma renovação no método e na disciplina no campo da História como citada por Mauad (2005, p. 137) rompeu barreiras. Por muito tempo nós historiadores estávamos exacerbadamente preocupados em tornar a História em uma ciência, buscando delimitar seu campo de atuação, na medida em que fazíamos isso nos afastamos de outras áreas e nos limitamos a análises de caráter reducionista centrado na figura do Estado. Com os esforços de Marc Bloch e Lucien Febvre, pertencentes à primeira geração dos *Annales*, proporcionou um movimento de rompimento com os paradigmas da

História do século XIX um deles foi à ampliação do conceito de fonte e a aproximação da História com as demais ciências sociais.

A interface entre História e imagem, aqui se entrecruzaram no sentido de perceber as imagens enquanto uma fonte histórica que produz representações e testemunho do passado vivenciado pela sociedade. Tendo a imagem enquanto um elemento que possibilita a rememoração do passado e como elemento que marca um lugar social e suas características econômicas, sociais e culturais.

Por mais que as imagens apresentadas não exibam o campo de trabalho das emergências propriamente dito, o ato fotográfico que envolve essas imagens esta inserido no contexto da seca e das emergências. Este conjunto de homens agrupados de forma reta, em posições de trabalho com ferramentas em mãos (IMAGEM 01) busca fazer uma representação do seu cotidiano de trabalho nas frentes de emergências, fazendo uma representação de si nos seus espaços de trabalho.

Ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos elementos — homens e signos — interagem dialeticamente na composição da realidade (CARDOSO; MAUAD, 1997, p.408).

Cabe a nos historiadores, quando nos debruçamos sobre nossas fontes, ir além do óbvio, Cardoso & Mauad (1997, p. 408) nos mostra que com a imagem não é diferente, se faz necessário explora os elementos que cada imagem carrega fazendo uso, até mesmo, da semiótica, adentrando questões tão subjetivas que entrelaçam os signos e os homens.

Como exemplos as características que podem ser atribuídas aos indivíduos retratados na Imagem 02, características não apenas do espaço físico da foto ou do contexto de produção que foi às emergências, mais sim dos seus semblantes. Os seus olhares desorientados e baixos pelo sol que incide em seus corpos suados, nos mostram o quanto o trabalhos nestes campos eram difíceis.

A década de 1970, na recém-emancipada cidade de Monte Horebe é marcada pela ruralidade da cidade e a fragilidade da economia que, basicamente, era obtida através de trabalhos com a lavoura, empregos assalariados eram escassos, restando apenas os trabalhos rurais para estes cidadãos (OLIVEIRA, 2018). As secas que assolavam a região eram constantes, e o assistencialismo surgia como um elemento que possibilitava uma renda mínima para custeio de despesas domésticas juntamente com sextas básicas que era distribuías para os moradores.

As frentes de emergência do período citado eram voltadas para atividades que promoviam construções de açudes e estradas, Imagem 01 é um exemplo, através das informações obtidas no acervo foi constatado que a imagens foram feitas nas frentes de trabalho emergencial para a construção da rodovia PB-400. Os senhores se deslocavam de suas residências andando a pé por longas distâncias. A renda obtida com o trabalho era apenas um complemento, que apesar das dificuldades o sustento da família era retirado das colheitas estocadas em suas casas.

As secas afetavam de forma diferenciada cada indivíduo, ela é sentida e vivenciada de modo particular, o ato fotográfico emerge neste sentido como um instrumento que possibilitou uma escrita e leitura de fatos e sujeitos no tempo e espaço. A imagem como um elemento que possibilita a rememoração nos ajuda a captar aspectos que só a oralidade não tomaria conta, a imagem estimula a imaginação e refrescar a memória dos depoentes.

As problemáticas aqui expostas traz contribuição, para a interpretação das fontes fotográficas para compreender as secas e suas vivências cotidianas. O exercício da análise dessas imagens nos mostra que as representações do “retrato da seca em Monte Horebe-PB” estava inserida dentro do cotidiano dessa sociedade. As frentes de trabalho emergencial eram um ambiente também de sociabilidades e convívio, as fotografias retiradas dos arquivos privados são lembradas por seus donos com saudosismo das lembranças, vivências, amizades e dificuldades.

## ARQUIVOS CONSULTADOS

DNOCS, REGISTROS. Divisão de comunicação social. Acesso em 17 Jul 2017 às 10h48min, disponível em: [http://www.dnocs.gov.br/php/comunicacao/registros.php?f\\_registro=2&](http://www.dnocs.gov.br/php/comunicacao/registros.php?f_registro=2&) Acervo fotográfico do arquivo privado: Rosendo Pereira de Assis. Localizado na Rua Juscelino Kubistchek S/N, Centro Monte Horebe-Pb.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. VIOLAR MEMÓRIAS E GESTAR A HISTÓRIA. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, n. 15, 2015. disponível em : <http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/809/657>

CANCLINI, Nestor Garcia. Fotografia e ideologia: seus pontos comuns. In. **Feito na América Latina: II Colóquio Latino-Americano de Fotografia**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1987.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, p. 401-417, 1997.

CASTRO, Lara. “Cassacos”: trabalho, cotidiano e conflitos nas frentes de serviços na Bahia e no Ceará (1945-1962). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH, São Paulo**, 2011. disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308138450\\_ARQUIVO\\_artigolaraanpuh.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308138450_ARQUIVO_artigolaraanpuh.pdf)

COURTINE; HAROCHE, Claudine; MOURA, Ana. **História do rosto: exprimir e calar as suas emoções**: do século XVI ao início do século XIX. 1995.

DA SILVA BRITO, Felipe Cesar et al. Uma abordagem histórica e teórica das políticas públicas de combate à seca e convivência com o semiárido. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental**, v. 11, n. 1, p. 57-65, 2017.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca**: o caso da Paraíba. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Editora Universitária, 1993.

GARCIA, Marília Fontana. Nordeste: o reverso da medalha. **Lua Nova**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 67-71, jun. 1984. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451984000100015&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451984000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 24 set. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451984000100015>.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva, Trad. **De Laurent Leon Schaffer**, 1990.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística, **Censo Demográfico 2010**, Monte Horebe. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250960&idtema=1&search=paraiba|monte-horebe|censo-demografico-2010:-sinopse->.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. Ateliê Editorial, 2001.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **An. Mus. paul.**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-174, jun. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142005000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 11 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142005000100005>.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe Brum. História e fotografia. In: CARDOSO, Flamarion Cardoso. VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, p. 263-281, 2011.

NEVES, Frederico de Castro. Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 107-129, 2001. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010201882001000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882001000100006&lng=en&nrm=iso)>. Access on 13 Aug. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000100006>.

OLIVEIRA, Leiana Isis. **Entre o sereno e as prosas**: um estudo historiográfico sobre o processo de urbanização em Monte Horebe-Pb nas décadas de 1960 e 1970. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando (Coord.); SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V. 3, p. 423-512.

#### ENTREVISTAS

Depoente: Maria de Fátima Queiroz de Assis. Entrevista realizada na cidade Monte Horebe, Paraíba em: 05-10-2017.

\*\*\*

Artigo recebido em abril de 2018. Aprovado em junho de 2018.